

Redacção e administração
Largo da Sé n. 5 (Sobrado)
CAIXA POSTAL, 195
Endereço telegrafico: LANTERNA
Dirigir toda a correspondência ao DIRECTOR:
EDGARD ERUENROTH

A LANTERNA

ANTICLERICAL E DE COMBATE

APARECE AOS SÁBADOS

ASSINATURAS:

ANO . . . . . 10\$000
SEMESTRE . . . . . 6\$000

PAGAMENTO ADIANTADO

Nas assinaturas para o exterior, há a diferença do porte do Correio.

Mudando de freguezia

Entre os emigrados se-guem numerosos padres, a maioria dos quais fazia serviço nas freguezias das fronteiras de Tras-os-Montes e do Minho com a Espanha.

Dentro de alguns dias chegará ao porto da capital da Republica mais uma leva de sessenta realistas portuguezes que vêm engrossar a massa de emigrados que a Espanha se viu forçada afinal a não mais permitir que continuem no seu territorio a importunar a Republica lusitana.

Verificado o fracasso da ultima tentativa de restauração, demonstrada a ineficacia do apoio moral e mesmo material do governo espanhol aos monarchistas impenitentes, trata agora a nação ibérica de desembarcar-se do pessoal que a pode comprometer junto de uma outra poderosa republica também fronteira com a qual ela tem tudo a lucrar em viver em paz e não hostilizar a sua co-irmã que ela pode sustentar muito eficazmente em todos os sentidos.

Daí a facilidade e a prestesa com que está a nos mimosear, mandando-nos por quasi todos os vapores que deixam os seus portos os amigos hoje incomodos. E o Brasil vai recebendo os fidalga e generosamente, porque, diz, aqui ha lugar para todos, excepto para os operarios, para os proletarios que não rezam nem pela cartilha republicana nem pela monarchica, cuja unica diferença consiste, como sabem, no rotulo, tão somente.

Mas parece que a gente do novo cardeal é que não está lá muito contente, começa a torcer o nariz com a historia, pois a concurrencia já se vai fazendo sentir, porque em breve, como tudo faz prever, haverá por estas terras mais pastores do que ovelhas.

Em reunião na Catedral, no dia 5 do corrente, o vigario geral da arquidiocese, monsenhor Amorim, disse ser impossível, apesar da boa vontade de S. Eminencia, collocar todos nesta arquidiocese, porém que não seria difficil arranjar-lhes nas diferentes dioceses de que se compõe este imenso paiz.

O diabo é que ha muito tempo estas dioceses também se acham abarrotadas com os que vieram de França e alhures e que não verão, por certo, com bons olhos estes novos concorrentes a partilha do bolo.

Não, que estomago vazio não conhece lei, e os camaradas lusos têm o maquinismo mastigante de primeira ordem e em perfeito estado de funcionamento e conservação.

Entre eles traz o «Tucumán» no seu bojo o serafico padre Domingos, vigario de Cabeceiras de Bastos, o qual é apontado como tendo sido cúmplice no assassinato do administrador desse Concelho. S. reverendissima nega, jura por Nosso Senhor Jesus Cristo e por todos os santos do céu que é uma calunia, sendo ele vítima, como o seu colega Faustino Consoni, de inimigos desalmados.

Esteja tranquillo, reverendissimo, pode desembarcar sem susto nem receio algum de ser molestado, porque mesmo que tivesses cometido o acto que vos imputam, uma vez pisado este solo sagrado, ninguém se atreveria incomodar-vos, muito pelo contrario, seria festejado como um heroi, como um san-

to porque contribuistes para o extermínio de mais um hereje. Demais, estamos informado pela «Havas» que: «cada um desses emigrados é portador de um salvo-conduto», estandesse numero vossa reverendissima. Já vê...

Olhe, aqui o que não se quer é esta gente que se metteu na cabeça não querer arrebentar de fome e de trabalho.

Para esta canalha, mesmo para os que aqui nasceram e têm mulher e filhos menores, é que não ha contemplanção nem piedade possíveis.

A ordem que ha é: — barra fóra, ou então — pau no lombo e chumbo na pele!

Estou a apostar que ainda haveis de dar um viva á Republica cá de casa.

Adrecal.

Rio, 8—9—912.

O clericalismo

Foi o partido clerical que achou para a verdade estes dois esteios maravilhosos: a ignorancia e o erro. E' ele que proibe á sciencia e ao genio que vão além do missal, e que desejaria enclausurar o pensamento no dogma. Todos os passos dados pela intelligencia da Europa, deu-os ella contra a vontade dele. A sua historia está escrita na historia do progresso humano; mas está escrita no verso.

Foi ele, o clericalismo catolico, que mandou vergastar Prinelli por ter dito que as estrelas não cairiam. Foi ele que seic vezes submeteu Campanella á tortura por haver affirmado o numero dos mundos era infinito e ter entrevisto o segredo da creação. Foi ele que perseguiu Harvey por ter provado que o sangue circulava. Em nome de Jesus, encerrou Galileu; em nome de S. Paulo, encarcerou Cristovão Colombo. Descobrir a lei do céu era impiedade; achar um mundo era heresia. Foi ele que anatematizou Pascal em nome da religião, Montaigne em nome da moral, Molière em nome da moral e da religião. Foi ele que, em todas as épocas, quiz amoldar o espirito humano.

Não ha um poeta, um escritor, um filosofo, um pensador que perante ele tenha achado favor. Tudo o que foi escrito, encontrado, sonhado, deduzido, iluminado, imaginado, inventado pelos genios, o tesouro da civilização, a herança secular das gerações, o patrimonio comum das intelligencias, tudo ele rejeitou. Se tivesse o cerebro da humanidade á vista á sua disposição, aberto como as paginas dum livro, nele fãria rasuras.

Victor Hugo.

O dever

\*Os catolicos alemães, reunidos em Aix-la-Chapelle, occuparam-se do fenomeno demografico do despo-pamento por falta de nascimentos.

Que é necessario, disseram, que a Igreja estude a valer esse caso, sistematico duma parcial obliteração do sentimento do dever.

Só a Igreja catolica tem esta facultade de conciliar as coisas que se excluem, como sejam, por exemplo, a castidade e a reprodução.

É verdade que, demonstrando via que tanto valem 3 como 1, a gente de nada se pôde admirar, porque tudo o mais chocou menos o vulgar e comestivo bom senso.

É a historia da virgem-mãe!... A estas considerações dum jornal europeu tenta acrescentar que os padres, apesar do celibato, são bons reprodutores; em geral, não seccal sobre eles o encargo dos filhas... Tem editores responsáveis...



—Trabalhai, trabalhai, que só assim teréis a minha benção!

A CONFISSÃO

A confissão, que existiu na India, na Grecia, entre os persas, os judeus e os egipcios, muito antes da era de Cristo, é, como diz o livre-pensador N. Simon, doutor em direito e escritor de merito, velha como o mundo, velha como a curiosidade e o espirito de dominação dos padres, velha como a loucura religiosa.

A sua adaptação pelo catolicismo foi apenas um plagiato, como os da adaptação de outros sacramentos e actos da Igreja catolica attribuidos á vontade de Deus, e que não passam de grosseiros embustes dos padres, para exercerem a sua dominação e a sua exploração sobre a humanidade sentimental, credula ou imbecil.

Como Lamaraisse escreveu na Vie de Boudha, quando este — 700 anos antes de Cristo — reformou a religião brahmanica, nessa reforma conservou a confissão, dispondo que ella tivesse lugar, em publico, ao menos uma vez cada ano.

Veu a religião catolica, que é apenas a apropriação e a adaptação, grosseira e falha de originalidade, de doutrinas, simbolos, actos e sacramentos das religiões anteriores, e, plagiando como sempre essas religiões, dispoz — em nome de um Deus que nunca foi visto, e que, colérico, feroz e exterminador, nos fulmina com raios, roriscos, centelhas, terremotos, pestes, lomes, guerras e diluções — dispoz que todos os peccados tu confessarás pelo menos uma vez cada ano.

Mas confessarás para quê? Pois se Deus sabe tudo, é imenso e está em toda a parte, para que confessar-lhe peccados que ele conhece, que ele sabe, que ele observa, que ele vê, e que não evita, só talvez pelo prazer de castigar o homem, aliás por ele feito, no dizer dos sagrados textos, á sua imagem e semelhança?

Para que, sendo como é certo que se não fosse a instrução, a educação e o medo das cadaveras, podia um tal Deus limpar as mãos á parede pela sua linda obra!

Se, porém, Deus existe — e eu creio que ele existe realmente, e esse Deus é a Humanidade elevada ao ideal de simbolo, não é um simbolo imaginario, hipotetico, sem existencia autentica, mas um sim-

bolo real, positivo, existente em biliões e biliões de criaturas, das quais cada uma é um universo de pensamentos e acções, bons e gloriosos quando fazem essa criatura boa, grandes e até sublimes quando, como Pasteur, Berthelot, Edison, Voltaire ou Diderot, de facto attingem as proporções de deuses resgatadores dos seus semelhantes: um Deus ideia abstracta, sim, mas sublime; um Deus que vê, que ouve, que sente, que sofre e que ama; — se, porém, Deus existe, tal como no-lo pintam os catolicos, de grande manto roçagante e enormes barbas de algodão; se ele existe, tudo vê, tudo sabe, e a condição sine qua non para que eu seja absolvido dos meus peccados está em me arrepender desses peccados, para que é necessario meter, entre mim e Deus, esse intermediario mercante, indiscreto e mais peccador do que eu: — o padre?

Pois não é esse um assunto que deve ser regularizado entre mim e o tal Deus, que, só porque Eva comeu da maçã, me condenou ao trabalho forçado de agarrar o pão com o suor de meu rosto e por toda a vida, quando nem os proprios srs. Vicente Dias Ferreira ou Amaral Cirne me condenaria sequer em custas e selos, visto eu não ter cometido aquele crime, que, quando eu nasci, estava, segundo o código, prescrito havia já quasi 5.900 anos?!

Os protestantes tiveram razão, arrazando os confessionarios, como a tiveram nas lutas revolucionarias da Reforma: O homem com a Biblia na mão, afirmaram eles, não precisa de intermediarios para estar em contacto directo com Deus. E os povos do norte, obrigados a ler e a interpretar a Biblia, inconscientemente demoliram essa Bastilha do espirito que é o analfabetismo, e daí, com as chamadas heresias dos Lutero, Calvino, Copernico, Newton, Lamarck, Lavoisier, Darwin, Cuvier, Gallieu, Giordano e Jean Huss, e com o equilibrio estabelecido por aristocratas e saxonos, — daí a grandeza intelectual, material e moral da Inglaterra e dos outros povos do norte, que, embora não tenham adiantadores e adiantados, pouco devem a imperios e monarchias, como a que foi nossa, convencidos de que foi nossa, convencidos de que povo instruido é povo livre, e povo livre é incomparti-

vel com insituições afrontosas para a sciencia, para a razão, para a moral, para o progresso, para os interesses, para a liberdade e para a dignidade da especie humana.

Foi sincero o chamado S. João Crisostomo, autoridade entre os catolicos, quando ao povo disse, na sua 5.ª homilia: «Confessai-vos constantemente a Deus; confessai os vossos peccados, porque os esconderis em vão daquele que conhece todas as coisas».

E' que João Crisostomo, sem embargo da inutilidade que recomendava, para com Aquelle que conhece todas as coisas, de modo nenhum aconselhou que a confissão se fizesse a padres, mas directamente a Deus.

Fernão Botto Machado.

Um congresso de livres-pensadores

De 15 a 17 de agosto, reuniu-se em Lille um congresso nacional francez do livre-pensamento, tomando parte nele 130 delegados.

O seu primeiro acto foi um telegrama de simpatia aos livres-pensadores alemães. Discutiram-se varias questões, como: defesa da liberdade de consciencia da criança; casamento civil; educação das moças; organização de combate do livre-pensamento; auxilio á obra da «Juventude leiga»; o direito á vida e á liberdade de pensar; etc. Emitiram-se votos em favor da supressão da prisão por multas impostas em virtude de delitos de imprensa e em favor da libertação dos militantes sindicalistas encarcerados por delito de imprensa e de opinião.

Tellier, de Lille, pediu que os edificios culturais, pertencentes ao Estado, sejam postos á disposição tanto das sociedades scientificas e filosoficas, como das associações religiosas. O senador Beauvisage e deputado Beauquier apresentarão um projecto de lei nesse sentido.

A morte dum amigo DE FERRER

Os jornais europeus trazem-nos a noticia de ter falecido, em Londres, Mariano Batllori, uma das victimas da «semana tragica» da insurreição barcelonesa, em julho de 1909.

Batllori, gerente da casa editora que Ferrer fundara para substituir a Escola Moderna, cuja reabertura era recusada pelas autoridades, foi preso e desterrado para Alcañiz, depois para Teruel, em companhia do irmão de Ferrer, de sua cunhada e dos outros empregados seus. Posto em liberdade cerca de um mes após o crime de Montjuich, voltou a Barcelona para ver sua sogra adoecer e morrer, por causa dos acontecimentos.

De 1909 a 1911 procurou em vão um emprego: os patrões boicotavam-no, receavam perder por causa dele a clientela clerical. Foi então que o sindicalista revolucionario ingles Guy Bawman, comovido por essa lamentavel situação lhe ofereceu um lugar junto de si. Tendo igualmente montado uma casa editora e publicando o jornal The Syndicalist, achou que esse trabalho deveria agradar a Batllori, que efectivamente accitou, indo fixar-se em Londres com sua mulher e sua filha. A sua saúde fôra porém, demasidamente abalada, demasido vivos os tormentos suportados, porque, amigo da infancia de Francisco Ferrer, tendo sempre seguido através da vida, já tinha sofrido quando ele foi impellido no atentado de Morral contra o rei. O ultimo golpe foi superior ás suas forças, apesar dos cuidados e prevenções de que foi objecto.

Foi pois, mais uma victima da infame reacção monarchico-clerical de Espanha.

CONFITOS BÍBLICOS

O pseudo-Deus omnipotente, que deu ás de Vila Diogo perante as artimanhas da cara metade de Moisés, continuou depois os seus longos e fastidiosos preparativos para libertar o «povo eleito». — hoje adiada pelos adoradores do suposto filho desse mesmo Deus! A caprichosa divindade hebraica que, como as dos outros povos, em vez de evitar o mal com a sua omnipotencia, em vez de ir direita ao fim, ama as vias tortuosas, tem apêgo ás formalidades, compraz-se nas penas e angustias dos seus filhos e a cada passo se esquece deles, a caprichosa divindade teve o cuidado de avisar o eloquente Arão para que fosse encontrado-se no deserto com seu irmão Moisés.

Chegado Arão ao monte de Deus, Moisés pô-lo ao corrente da «missão divina» e instruiu-o na arte de fazer milagres. Depois, os dois irmãos, constituindo uma sociedade para a exploração dos papalvos, sob a razão social de Moisés & Irmão, congregaram o povo, falando e obrando prodigios o socio mais charlatão, isto é, mais palraador. O Ze Povo, coitado (ainda hoje e assim em grande parte), caiu regularmente no laço e deu graças ao Senhor: ignorante e esmagado, acreditava facilmente quem lhe accenasse com a esperança de libertação. Ainda não tinha consciencia de que a emancipação do oprimido deve ser obra do proprio oprimido, nem sabia bem o poder da associação e da acção directa, sem novos chefes.

Os dois irmãos, em que o povo hebreu delegara o seu poder, foram ter com Faraó e deram a este o recado de Deus.

— Não tenho a honra de conhecer o vosso deus e não deixo sair o povo hebreu.

E ordenou a Arão e Moisés que se occupassem da sua vida e não distrassem o povo das suas tarefas, mandando ao mesmo tempo que aos hebreus não se tornasse a dar palha para fabrico do tijolo, devendo eles proprios recolher a palha necessaria, sem deixar de fornecer a mesma quantidade de produto que ate então tinham fornecido.

O povo oprimido queixou-se a Moisés e a Arão, attribuindo-lhes a culpa do que succedia: eles e que, tendo reclamado perante o rei, stinham feito que os hebreus cheirassem mal diante de Faraó e dos servos deste. Os dois irmãos, atrapalhados, queixaram-se por sua vez a Deus: Deus é que os tinha metido naquele embulho... e não cumpria a sua promessa de libertação. Excelente desculpa... ante o povo.

O Concolteiro.

MOTE E GLOSA

Se deus o mundo governa E tambem a humanidade, Qual será pois o motivo De tanta desigualdade!

Minha mente, em conjectura, Otrora foi vacillante, Neste tema palpitante Tão propenso á impostura, Porque muita criatura Inda crê na vida eterna, Foge á critica moderna Recendo baquear, Sou forçado a duvidar Se deus o mundo governa.

Ninguém sabe quem é deus Nem o ente que o criou. Nunca algum o lobrigou Nem na terra nem nos céus! Loucos defensores seus Com sua credulidade, Dizem ser a divindade Quem dá vida aos vegetais, Move os irracionais E tambem a humanidade.

Esta crença degradante, Este falso preconceito, Quem a tudo tem direito Faz cobardo, humilhante. Horrendo inferno de Dante Pra quem se mostrar ativo, Tudo vê fraco e esquivo Ante a farta natureza, Desta humana baixez Qual será pois o motivo.

Ao homem desde a infancia Nada lhe ensinam de serio Mergulhando seu criterio Nas trevas da ignorancia; Da vida que com senão, Ao estado da liberdade, Rubro o povo queimar ha-de Cingitros onde medram vicios Vícios que são inícios De tanta desigualdade!

Milario Marques.



Os condenados políticos na Penitenciária — Opinião do presidente da República — «Pela Verdade» sai a campo o paladino Antonio José de Almeida — Suavitem-se as penas aos presos políticos! — O que responde o órgão do partido democrático — De que lado está a razão? — A questão nos seus termos — A A crueldade na repressão é inversamente proporcional a superioridade dum regime — Criminosos políticos e criminosos comuns — A melhor repressão!

LISBOA, 25 DE AGOSTO

Trava-se entre republicanos, neste momento, um interessante debate sobre as penas aplicadas aos insurrectos realistas, condenados a prisão maior celular, isto é, submetidos ao terrível regime penitenciário, com o seu tético silêncio, o seu embrutecedor insulamento, a veste infamante do forçado, o número substituindo o nome, o capuz de penitente cobrindo a face.

Há três meses, foi o próprio presidente da República que, muitos anos antes, contra ela defendera num congresso jurídico internacional, severamente estigmatizou o bárbaro e anacrónico sistema, manifestando ao ministro da justiça o seu propósito de indultar alguns penitenciários velhos e doentes e com mais forte razão o único condenado político lá existente. Máquina monstruosa de fazer imbecis, tuberculosos e doidos — tal foi a definição que da Penitenciária deu então o presidente Arriaga.

E agora é Antonio José de Almeida que sai a campo «pela verdade», protestando contra a aplicação do regime penitenciário a criminosos políticos, entre os quais há um fidalgo e há padres, mas há também um grande número de camponões ilusos, na maioria analfabetos.

Para honra e prestígio da República, clama o fogoso paladino, é indispensável manter e realizar no governo o que na opposição mais ardentemente se apostolizou. Os republicanos fugiram sempre o regime penitenciário; e quando a monarchia o aplicou a um revoltoso de 31 de janeiro, ao cabo Salomé, foi por todo o país um indignado e horrorizado còro de protestos. Se o sistema é já infame contra os crimes comuns, — contra os delitos políticos é uma monstruosidade sem nome. No momento da batalha, são de justiça e de suprema necessidade os gritos de guerra e de incitamento, mas quando o inimigo está vencido e desmoralizado, disperso e sem esperança, entregue à discreção em nossas mãos fortes e triunfantes, então a generosidade não é sómente a justiça, mas a melhor consolidação da vitória. A crueldade aureola os perseguidos e debilita os perseguidores. Castigue-se o rebelde; mas não o sepultem vivo, não o separem do mundo, deixem que contemple, para sua emenda e confusão, a obra e a superioridade da República, embora não seja senão através das grades do cárcere.

Sentimentalismo interesseado e perigoso! responde o Mundo. Para caçar a adesão dos elementos moderados e retrógrados, compromete-se o prestígio da República! Querem dar mais provas de fraqueza? Querem que continuem os adversários a zombar de nós? Que renovem os seus ataques? E' tempo de usar uma implacável severidade: já houve demasiada paciência. Os rebeldes planeavam o morticínio e a mais feroz das vinganças; os seus intuitos e o seu seu recurso do estrangeiro dão-lhes a categoria de criminosos comuns. A Penitenciária, sim, deve ser abolida ou reformada, mas para todos. Graves ou não, as penas cominadas na lei são as que se devem aplicar. Porque não se fez esta tardia campanha quando no parlamento se discutiu a lei? Demais, essa lei é ainda

humana, porque noutra país os insurrectos teriam sido fuzilados.

Será preciso dizer que dou razão ao dr. Antonio José de Almeida? Por. Antonio José de Almeida? Não importa os intuitos, aliás difíceis de averiguar; pouco importa o momento do protesto: a questão em debate é independente dessas circunstâncias exteriores. A campanha não seria levantada, pelo menos com o mesmo ardor e retumbância, se os condenados fossem revolucionários sociais, se, por exemplo, de anarquistas se tratasse? E' provável. Mas isso é questão à parte; e a maneira mais segura de fazer justiça e de a reclamar para nós é fazê-la e reclamá-la para os adversários. Esses adversários, se vencessem, seriam impiedosos para nós? Mas o caso é que, não triunfando, são reduzidos à impotência. A derrota é a melhor repressão, a única punição eficaz, porque é da parte do vencedor o legítimo exercício do consagrado direito de defesa. E depois, se os que se dizem defensores de um direito novo fazem como os seus inimigos e buscam nas violências e injustiças destes justificação para as suas próprias, que diferença há entre uns e outros?

Se um regime se substitui a outro, não deve ser para o plagiar, mas precisamente para realizar novos princípios, e para mostrar pelos factos a sua superioridade prática e moral. Uma revolução é tanto mais profunda, e tanto mais livre e vantajosa uma organização política ou social, quanto menos essa revolução precisa de punir os vencidos e quanto mais evidentes e palpáveis são as vantagens dessa organização. A um regime còncio da sua superioridade e da sua força bastará dizer e mostrar que está sempre disposto e preparado para se defender com energia e eficiência.

A pena de morte é monstruosa e absurda; mas a Penitenciária é muitas vezes o seu equivalente. E se já é desumano destiná-la aos criminosos comuns, é mais cruel e infamante ainda fazer dela o sepulcro dos vivos que os tribunais militares condenaram, não como bandidos vulgares, nem sequer como «traidores à pátria» (aliás crime político), mas como insurrectos, como reus de «rebelião à mão armada» — a mesma culpa menos severamente castigada, vinte e um anos antes, nos revoltosos republicanos do Porto. Por mais errôneas e retrógradas que sejam as suas ideias, os delinquentes políticos, salvo os degenerados que se insinuam em todos os movimentos, regressivos ou progressivos, são seres que as paixões de seita e o erro autoritário podem arrastar às atrocidades inúteis, mas que julgam agir para bem da colectividade e seriam incapazes de um crime de direito comum, indicando ausência ou obliteração do sentimento moral.

Agora que os rialistas confessam a sua derrota e o seu desânimo, agora que o seu desgraçado chefe publicamente manifesta o mais profundo desalento, a generosidade nada custa à República, é antes o mais hábil meio de coroar a vitória alcançada.

Nuno Vasco



Santo homem

Em Cabeceiras de Bastos (Portugal), foi julgado e absolvido um padre acusado de conspirador. A sentença, como se verificou, era infundada. O dr. Jacobino, disse-o. Não. O dr. de outro padre, que arranjou testemunhas falsas e se industriou para encobrir o colega.

Excelente maricla, este virtuoso ministro do Senhor.

S. S. G.

PENSAMENTO LIVRE

Impossibilitado, por motivo de doença, deixamos de responder ao sr. Alcides Faria, com a devida presteza, como prometeramos; mas fazemo-lo hoje, certo de cumprir um dever de cavalheirismo e de sustentar mais uma vez a verdade de que nós fizemos eco.

O sr. Alcides Faria, denotando sua filiação ao protestantismo ou ao espiritismo, diz em seu artigo:

«Se Ganganelli, antes de escrever o seu artigo, tivesse estudado e lido, não o que manda fazer e faz a igreja romana, mas o que fez e mandou fazer Cristo, é bem possível que não blasfemasse de Deus e limitasse o seu ataque à igreja papal.»

Engana-se. Nós não atacamos a religião, atacamos as religiões.

Embora seja o romantismo a que mais de perto visamos, por consubstanciar todas as misérias morais e abranger a maior porção de poder político, não deixamos de combater todas as outras, como origens de obscurantismo e opressão, sempre aliadas aos tiranos para subjugar os povos e obrigá-los a sofrer resignadamente as imposições absurdas de suas vontades feitas lei e a curvarem-se humildes à escravidão de que o despotismo tira as riquezas que goza de todas as alegrias e sustenta os exercitos, que lhes garantem a impunidade na execução de todas as violências.

Mais adiante, diz o mesmo sr.:

«O orgulho descabido do homem levou-o sempre à ruína, uma força invisível e invencível o tem derribado.»

O primeiro exemplo temos no pecado original. O homem quiz ser igual a Deus.

A historia esta cheia de muitos outros, entre os quais a morte do imperador Juliano que, apanhando o seu proprio sangue e atirando-o para o ar, dizia: «Vencestes, Galileu.»

O ultimo exemplo temo-lo na horrivel catastrophe do «Titanic».

O orgulho humano levantar-se-á, mas sempre será abatido.»

Argumentos desta ordem, denunciam falta absoluta de criterio scientifico e, se não fôra pelo respeito que nos merece a dignidade humana, deixaríamos de responder a tais infantilidades.

Que entende o sr. Alcides Faria por orgulho descabido?

A sublime qualidade moral dos seres conscientes, de perscrutarem os arcanos da Natureza para desvendá-los?

Mas, se é justamente nestes arroubos de genio que está a grandeza, a superioridade do homem sobre os outros animais...

De que serviria possuir uma consciencia embrionaria, facultades racionais, condições de progresso em todo o complexo organismo, se não pudesse po-las em acção, aperfeiçoando-se harmonicamente até estabelecer o equilibrio tão necessario, imprescindivel mesmo à existencia normal dos seres e à vida em sociedade?

O sr. Faria, não pode, não tem capacidade, nem intellectual nem moral para discutir o transcendente assunto de que nos occupamos.

Quem apresenta como exemplos de resistencia à vontade invencível do homem, para achar o porque das coisas, o «pecado original», o «desastio do imperador Juliano», a «catastrophe do Titanic», pôde, quando muito, ser um mediocre pastor de aldeia; mas nunca um defensor da religião.

Na tremenda luta travada entre o Homem e a Natureza, quasi sempre aquele é vitimado pelas leis inexoráveis a que esta o submete; mas, dominado, sufocado, esmagado mesmo, ele resge por vezes e consegue arrancar-lhe segredos de inestimavel valor para a continuação dessa luta por um outro seu irmão.

Foi sempre assim que se procedeu desde que o homem conseguiu «por a prumo no globo a sua espinha dorsal».

A duvida latente no espirito do homem sobre a existencia de um Ser, anterior a toda a criação e pre-existindo em toda a eternidade, foi que levou a humanidade ao estado de progresso em que está.

A semelhança que a civilização avança, fica para traz esse Deus antropomorfo, perdendo-se pouco a pouco nas brumas do passado, por mais esforços que façam os teólogos por educa-lo e convence-lo de modo a não fazer figura redicula em meio da nossa civilização.

Já não lhe valem influencias politicas nem o amparo de falsos cientistas. Deus morre abandonado pelo bom senso e cercado de um exercito de heuicos e de especuladores, que fingem chorá-lo, mas que apenas lamentam os lucros perdidos na transacção infeliz.

Pede-nos o sr. Alcides Faria para explicarmos o motivo que levou Shakespeare a encomendar a alma a Deus seu Criador e crendo em Jesus como seu salvador, no momento de expirar; porque o illustre professor A. Russel Wallace, colaborador de Darwin disse:

«O materialismo mata as mentes inteligentes e não tarda o dia em que os homens hãde compreender que o materialismo não passa duma grande loucura.»

Porque homens que viveram em todos os tempos, como Estevam, Paulo, Attila, etc., martirizados pelos pagãos, mais tarde João Huss, Diogo Delos, Mme la Glôz, etc., quemados pelo Santo Officio, do meio das chamas entoavam canticos à Deus?

Por que Alexandre Herculano, Bogaço, que morreu como cristo (leia o seu ultimo soneto) reconheceram a existencia de Deus?

Por que atualmente Guilherme II, William Bryan, grande estadista norte-americano que ha pouco nos visitou, o eminente Ruy Barbosa e muitos outros, acreditam em Deus?

Por que no momento actual a sociedade «Kepler Bund», recentemente fundada na Alemanha para combater o materialismo, conta com mais de 7.000 socios, entre eles grande numero dos homens mais sabios daquelle paiz?»

Não é facil adivinhar o que os nossos semelhantes têm no espirito para leva-los a proceder de uma ou de outra forma; mas, psicologicamente, cada individuo age de accordo com a educação que recebeu, o meio em que se agita e as maiores ou menores necessidades predominantes na occasião.

Russel Wallace, manifestando-se daquela forma, denunciou a existencia atavica de um sentimento que se localisara tão fortemente que o estudo da sciencia, feito sem premeditação, não podera matar.

Ademais disso, podem aquelas palavras ter uma significação muito diversa da que lhe dão os interpretes religiosos.

O procedimento dos martyres cristãos e das victimas da ferocidade catolica, morrendo e bendizendo o nome de Deus, e um fenomeno por demais conhecido — a auto-sugestão.

Todo o individuo perseguido por uma ideia, mesmo não sendo um convicto, acaba por tornar-se fanático da causa porque o fizeram sofrer, além de que, nem sempre esses individuos foram tirados das classes illustradas ou mesmo possuindo educação capaz de leva-los ao caminho da observação.

O grande Alexandre Herculano e o desventurado Bogaço, mau grado a grandeza de seus espiritos e especial cultura moral, estavam longe de ser homens de sciencia e ambos denotaram falta de coragem para a luta contra os preconceitos. Herculano provou-o não querendo acabar com a Historia de Portugal e Bogaço desmentindo-se quando a Igreja o chamou a contas.

Guilherme II, William Bryan, Ruy Barbosa e centenares de homens eminentes que são religiosos, nada atestam em prol da causa religiosa. A posição politica, os interesses, o convívio social, os preconceitos odiosos, impõem a esses homens a obrigação de manifestarem sentimentos que nenhuma raiz têm na alma. São exteriores ou reflexos de mal pesadas observações.

O comodismo impede muita gente de procurar a verdade.

Infelizmente ainda são poucos aqueles que sacrificam posição, interesses e bem estar à propagação de seus ideais de verdade. Sem miras nos resultados economicos, só mesmo nós, os defensores da razão, espalhados em numero resumido pela superficie da terra.

Não é que os não haja, porque hoje é difficil achar uma dezena de homens conscientes que não apoiem as verdades que pregamos; mas porque lhes falta a coragem, a abnegação.

Para terminarmos, uma lição ao sr. Alcides Faria: As frases «Amá-vos uns aos outros como a vós mesmos», «Fazei aos outros aquilo que queres para ti» (1) nunca foram do Evangelho.

São um plagio dos «Vedas» e existiam muitos mil annos antes dessa mixórdia a que chamam Novo Testamento; posto que Confucius, Budha, e as proprias doutrinas do pagânimo primitivo, já registavam essa bella moral, acrescentada de muitas outras maxima de uma eloquencia sublime.

O cristianismo e suas derivadas, apenas macaquearam, e isso indignamente, com um amontoado de soifismas e illogismos, as doutrinas orientais, hindus.

Se quer aprender a verdade, leia Malvert, Harreta, Meslier, G. Bera, etc., etc.

Foram esses os guias do meu espirito e hoje, perfeitamente emancipado, vejo, observo e julgo pelos factos submettidos à minha razão.

Jaguarão, 25 — 5 — 912.

Ganganelli 31.

(1) Ambas estão erradas, o que prova que Alcides Faria nem a Bíblia conhece.



O sonho de vingança

Os padres portuguezes, apostolos do Cristo que sempre perdoou, sonham apenas com a vingança e com a chacinha.

Recordamos do Mundo, de Lisboa:

O celebre padre Benjamin Cerqueira mandou ao nosso correlligionario Teodoro Inacio Franco o seguinte bilhete postal:

«Não podia deixar de lhe manifestar a minha «simpatia pelos «grandes» benéficos «arcebispos». Conto pagá-los, não tardando muito, e com os juros. Não só na estrada se rouba a cobardia é a peor das vilanias. Tendo o poder nas mãos, julnias. Tendo o poder nas mãos, julnias. Tendo o poder nas mãos, julnias. Começou a mais patifaria, porque o numero das bestas é grande. Não lhe peço que faça como Madriena, que se arrependeu, porque o seu arrependimento nada lhe aproveitara, mas chorar como eis as senoras passadas; você e os seus. — Madriena, 25 — 7 — 912 — B. Cerqueira.»

O estilo do bilhete dispensa toda a especie de consideração. Por si só, diz bem o que valem certos padres, provando que só por aberração se chamam com as mãos no ar.

Acautelem-se as brasileiras!

Sob a epigrafe «Trez marmarros que emigram», publicou o Mundo, de Lisboa, a seguinte correspondencia:

«S. BRAZ DE APORTEL, 19 — Retiraram-se para o Brasil trez seraficos padres, Luiz Manuel Vieira, o Ventas, prior de S. Clemente; Francisco José Batista, o Santinho, prior de Martimlongo, e João Crisostomo de Freitas Barros, o Menino Jesus, prior de Porches. Onde irão estas alminhas enganar a humanidade? A quem deixarão estes marmelos a sua prole? Naturalmente, como geralmente fazem, por ai ficam as crianças ao abandono! Acautelem-se as brasileiras, principalmente com os dois primeiros. Estes de aqui, contra as leis da separação da igreja e do Estado, por ai andam de porta em porta a explorar os alqueires de trigo do pobre povo. Até o sacristão Salvador, que fez o requerimento para receber a pensão do Estado, para melhor explorar o povo, a fim de apanhar a quarta de trigo, diz que apoia os padres não pensionistas por serem estes os serios, ao passo que pensionistas são falsos, hypocritas, porque reconhecem os filhos. Querem mais: O mal de tuJo isto é infelizmente a falta de instrução. Se o povo se instruisse perceberia a falta de caracter destes parasitas e todos a uma voz, correriam com eles.»

Tomemos nota dos nomes...

O dedo misterioso do padre

Para os nossos leitores, o professor Saturnino Barbosa não é um desconhecido. A Lanterna já se tem occupado dos seus corajosos livros e bem bons escritos aqui publicamos da sua lavra.

E' um moço inteligente e estudioso que nos tem merecido grande simpatia pela independencia das suas ideias e pela attivez com que as sustenta e propaga nos seus livros, na imprensa e pela tribuna.

Mas o amigo Saturnino Barbosa é professor publico e como tal dependente dessa choldra de jesuitas que p'raí vive a dominar. Não o podia, portanto, deixar de prejudicar a sua attitudo de livre-pensador convicto.

Quem aqui desejar conseguir as regalias a que tenha direito nas esleras do funcionalismo publico — é só conseguir uma carta de recomendação do conego Valois ou do padre Faustino, dependurar na corrente do relógio uma medalha de Nossa Senhora da Aparecida e apresentar o distintivo de uma contraria qualquer.

Se o professor Saturnino fosse, em Santos, bejar as mãos ao padre Ladeira e entrasse para uma irmandade qualquer — já estaria agora no gozo dos direitos que lhe estão sendo roubados.

Sugiriu-nos essas considerações a seguinte carta que nos dirigiu o distincto professor:

«Caro amigo Edgard Leuenroth. Muito saudar.

Ha em torno da minha vida um misterio que não posso compreender, por mais tratos que dê á bola. Ell-o: Em 1904 formei-me pela Escola Normal de S. Paulo, tendo vindo cá para Santos iniciar a carreira do magisterio numa escola isolada.

Pelo regulamento da instrução, deve o professor permanecer apenas dois annos em tr' escola, que constitue os primeiros passos do mestre na escala a percorrer. Entretanto, 5 annos são passados e eu continuo ainda, como e recruta insubordinado, no mesmo ponto de partida, como se tivesse iniciado agora a vida de magisterio publico.

Dos meus colegas da turma não existe um só nas minhas condições: uns, são directores de grupo-escolar, outros, são lentes de escola normal e outros, ainda, adjuntos de grupo.

De todas ellas e mais desprezado, e que nada conseguia até hoje, é o subscritor destas linhas.

Qual será pois o motivo do meu insucesso?

Amizades politicas não me faltam, pois pensei até a do que pôde

e dispôl das escolas estaduais de Santos, o senador Cezario Bastos. De talento e preparo creio que tambem disponho; ai estão as minhas obras a comproval-o. Crimes e disturbios, nunca os pratiquei, que me conate; preso-me de ser um excelente chefe de familia. Os dias da minha vida preencho-os, trabalhando de manhã á noite, no ensino publico e particular.

Com relação á moral, adopto a de Augusto Comte: «Viver ás claras».

Ignoro pois o motivo que tem determinado esse indiferentismo do governo com relação ás minhas aspirações no magisterio.

Verdade é que uma colega distincta escreveu duas cartas, que foram publicadas no semanario independente A Capital, que vê a luz ai, attribuindo a minha falta de éxito, na carreira do professorado, ás ideias independentes que expendo nas minhas obras. Será bem isso?... Parece-me que não. A constituição garante a liberdade de pensamento e o governo nada tem que ver com as ideias filosoficas dos seus funcionarios.

A que attribuir pois, meu Edgard, sino ao dedo misterioso do padre! Posso uma carta preciosa de um catolico illustre, onde se pede seja exercida a maior perseguição possível ao nefasto autor da obra mais execravel que se tem escrito no Brazil — A morte de Deus!

Attribuo pois ao padre o meu insucesso.

Todo teu

Saturnino Barbosa.

Santos, 25 — 8 — 912.\*

O MOVIMENTO DA DOCAS

Venceram os exploradores — Depois das violencias e embuste — A Docas agradece a policia e auxilio que lhe prestou — A recompença dos que trabalham.

Terminou a greve dos trabalhadores da Companhia Docas. Depois de dezoito dias de uma luta desigual, venceram os potentados.

Na sexta-feira passada o colossal ergastulo do trabalho abriu os seus portões para recolher os vencidos de hoje, mas os vencedores de amanhã, que para lá entraram, constringidos pela violencia organizada, com a alma a transbordar da indignação provocada pelas grandes injustiças.

Foram desta vez vencidos, mas a sua derrota é das que honram, das que elevam os vencidos á altura dos herois.

Quantas iniquidades, que de infâmias não foram cometidas para os vencer, para os esmagar?!

Fecharam-se as suas associações, impediram-nos de se reunir, prenderam e expulsaram do paiz diversos dos seus mais dedicados amigos; para os obrigar a voltar ao trabalho foram arranca-los até do seu proprio lar, para domina-los pelo terror atiraram para as prisões dezenas de companheiros seus!

Depois da violencia veio o embuste. Certos de que os trabalhadores não se podiam reunir para determinar a sua norma de conduta, fizeram publicar que a directoria da Docas havia concedido um aumento de 1\$ e que, portanto, podiam voltar ao trabalho!

E os vampiros da Docas venceram!

Orgulhem-se, entretanto, os trabalhadores, porque a victoria dos seus exploradores preparou-se no cadiño onde se fermentam todas as violencias das autoridades venais e inquisidoras, todas as baixezas da imprensa vendida, de mistura com a pusillanimidade geral.

Amanhã a victoria será sua.

A directoria da Docas officiou ao Secretario da Segurança Publica agradecendo-lhe o valioso auxilio que lhe prestou para obrigar os trabalhadores a voltar ao trabalho! Diz mesmo o tal officio que a policia deve a sua victoria!

E não estivéssemos em uma republica democratica, cujo governo é do povo e para o povo...

Pelos tramites legais proseguem os trabalhos para se conseguir fazer voltar ao Brasil os



VIDA OPERARIA

EM S. PAULO

A festa dos graficos — Uma interessante festa a que realizou no domingo passado a União Grafica.

O salão encheu-se inteiramente, apresentando o Alhambra um garrido aspecto pelo grande numero de senhoras presentes.

Agradou bastante a representação da magnifica peça em dois actos do saudoso Pedro Gori — Sença Patria, causando grande impressão o recitativo da bellissima poesia do seu entreacto.

A comedia Pinto, Leitão & Comp. fez rir a valer.

O dr. Justo Sacabra não podendo realizar a conferencia annunciada, por não lhe ter sido possível preparar o tema que se tinha proposto defender, fez um discurso de saudação e de estímulo á classe a que em tempos pertenceu.

A soirée terminou com um animado baile, que se prolongou até pela manhã.

União Grafica, esforçando-se por entrelaçar fortemente a solidariedade entre os graficos dos diversos centros do Brasil, enviou convites a Santos, Campinas e Rio, a ele correspondendo a Federação Grafica do Rio e a União dos Trabalhadores Graficos que se está organizando em Campinas.

Reunidos esses representantes com os daqui, ficou determinada para breve uma excursão de propaganda a Campinas.

EM SOROCABA

A União Operaria desta cidade prossegue activamente no seu trabalho de arregimentação dos trabalhadores, que lá constituem a maioria da população.

Com o fim atrair a atenção dos elementos ainda dispersos, será pela mesma promovida uma sessão de propaganda no pavilhão do cinema, que constará de conferencias, distribuição de panfletos e exhibição de algumas fitas apropriadas ao seu fim.

NO RIO

O movimento associativo do Rio ganha de dia para dia mais vigor.

A Federação Operaria, que esteve por espaço de alguns meses e por diversas razões inativa, foi reorganizada e, ao que parece, dentro em breve reunirá a maior parte dos grupos operarios daquela capital.

Já se acham a cá filiações as seguintes associações: Fenix Caixaerial, Federação das Artes Graficas, Centro dos Operarios Marmoristas, União dos Alfaiates, Sindicato dos Sapateiros, Sindicato dos Estudantes e Pedreiros, S. S. U. dos Marceneiros e Artes Correlativas, Sindicato de Officios Varios e Sindicato dos Operarios em Pedreiras.

Espera-se que dentro em pouco diversas outras classes tratarão de se federar.

A Federação das Artes Graficas tem a sua sede na rua Barão de S. Gonçalo, 11, a Fenix Caixaerial, na rua Uruguayana, 137 e os demais sindicatos no prédio 335 da rua General Camara.

A velha e combativa Sociedade de Resistencia dos Trabalhadores em Franpiche e Café vem de sustentar uma grande agitação contra diversas empresas gananciosas que pretendem

deixar de manter o compromisso firmado ha tempos.

Ha uns quinze dias foi realizada em sua sede, á rua Municipal, 9, uma proveitosa sessão de propaganda, á qual compareceram representantes de varias outras associações.

Temos em mãos um vibrante manifesto pela mesma espalhada á classe que representa, fazendo acertadas considerações sobre o movimento que realizou.

Do secretario do Centro dos Operarios Marmoristas recebemos ha pouco tempo uma carta comunicando-nos o estabelecimento para a sua classe da jornada de 8 horas.

Conforme ha tempos noticiamos, essa classe foi obrigada a declarar-se em greve para reclamar dos patrões a execução do compromisso, assumido ha mais de 5 anos, de concederem as 8 horas.

Alguns dos patrões cederam logo, mas outros, os que forneciam o material, coligaram-se e firmaram um compromisso para não atenderem á justa reclamação dos operarios.

Depois de 30 dias, porém, terminou o movimento com a victoria dos trabalhadores, sendo estabelecida a jornada de 8 horas para os dias uteis e de 7 para os domingos.

EM BELÉM DO PARÁ

Centro Sindicalista das Classes Trabalhadoras do Pará — Com o esforço e a dedicação de um pequeno nucleo de trabalhadores, tem ultimamente tomado algum desenvolvimento a propaganda sindicalista em Belém do Pará.

Assinada pelos companheiros Antonio da Costa Carvalho, Manuel S. Suarez, Manuel Barrojo, Jose B. Loureiro, Luiz S. Gonzalez, Antonio Dominguez, José C. Perez, Julio B. Alves, Abel S. Nogueira, Eduardo Guerra, Francisco Ferreira, Antonio da S. Canela, Antonio Vicente, José Fernandes, Secundino C. Perez, Adolfo F. Acosta, Maria Guerra, recebeu daquela capital do Norte uma copia da acta da reunião em que ficou fundado o centro o titulo que encima estas linhas.

O fim da nova agremiação será fazer uma activa propaganda do ideal de emancipação humana no seio dos trabalhadores, que se estorpará por organizar em sindicatos de resistencia á exploração e tirania dos argentarios, orientando-os segundo a tática da acção directa.

O Centro Sindicalista desejando entrar em relações com as sociedades do aqu caracter de todo o Brasil, comunica-lhes o seu endereço, que é o seguinte: Travessa de S. Mateus, 88-A — Belém, Pará.

DIVERSÕES

Theatro Colombo — Está trabalhando actualmente neste teatro o extraordinario ciclista Royal Sidney, que tem alcançado grande successo com os seus interessantes trabalhos.

Os films tambem não deixaram de agradar o publico que alli accorre numeroso.

Na soirée de hoje serão exhibidos magnificos films, tomando parte na mesma o ciclista Royal.

Amanhã haverá interessante matinee, ás 2 horas da tarde.

Jockey-Club — Realizar-se-á amanhã, no Prado da Mooca, mais algumas corridas, tomando parte nas mesmas escolhidos pareos.

sem e proseguir nas suas pesquisas. Levantou o homem pelos hombros e levou-o o mais suavemente possível para a valeta da estrada, estendendo-o na erva e collocando-o de modo que fo-se facilmente visto pelos primeiros aldeãos, que não tardariam a passar para ir ao mercado de Abbeville. Tomadas estas precauções de humanidade, dispunha-se o Cavaleiro a afastar-se, quando o ferido abriu os olhos. João inclinou-se e o ferido olhou-o fixamente, agitando debilmente os labios para falar.

— Posso fazer alguma coisa por vós, senhor? perguntou o Cavaleiro com voz doce.

Salverio, pois era ele, como os leitores sabem, fez um esforço saindo da boca alguns sons a custo intelligiveis:

— O co...che...

— O coche! exclamou João, estremeecendo.

O ferido, anhelante, conseguiu formular ainda duas ou três palavras.

— A flo...ris...ta...

Desta vez, o Cavaleiro deixou escapar um grito de espanto. Tornou precipitadamente a ajoelhar-se diante do desconhecido, diante daquele moribundo, que parecia tomado das mesmas preocupações que ele. Havia ali um misterio que não tratou de aprofundar.

Senhor, exclamou ele, por favor, fazei o impossível para falar...

Dizei: quereis falar de Margarida?

Os olhos de Salverio indicaram o seu assombro. Não respondeu.

— Um outro nome, ajuntou febrilmente o Cavaleiro. Flor de Malo, conheceis-la?

— Sim, sim, disse o ferido, animando-se-lhe o olhar. E acrescentou logo: O co...che...

— Seguieste o coche! exclamou João exaltado por uma esperança imensa.

Noli me tangere

a obra prima da gloriosa victima dos jesuitas José Rizal, vilmente fuzilado em Manila, como revoltoso contra o dominio espanhol, em virtude das miserrimas intrigas contra elle urdidas pela corralhada negra: agostinianos, capuchinhos, etc., etc., que, vindo em José Rizal o mais temivel adversário recorreram aos meios vis que lhes são familiares para o aniquilar.

NOLI ME TANGERE OU NO PAIZ DOS FRADES

é um romance admiravelmente escrito, narrando toda a sorte de crimes cometidos nas Filipinas, pelos frades que, dali expulsos pelos heróicos tagalos, estão cavando agora a nossa desgraça, a desgraça deste país.

Esse empolgante romance, especialmente traduzido por Neno Vasco e que tanto successo alcançou entre os leitores da Lanterna, foi por nós editado em elegante volume de 136 páginas.

PREÇOS DE CADA EXEMPLAR: 800 réis na redacção e 1\$100 pelo correio.

É encontrado nos seguintes pontos:

Em S. Paulo: — Livraria Moderna, Travessa do Braz. — Livraria Lealdade, Rua de S. Bento, 51.

No Rio de Janeiro: — Redacção da Guerra Social, rua da Alfandega, 182 (sob.). — Agencia de Braz Lauria, rua do Ouvidor, 181.

Em Campinas: — Agencia de Antonio Albino. Em Ribeirão Preto: — Livraria Sélles, rua Amador Bueno.



Bilhetes e recados

S. Manuel — Felício d'Amour: Foi-nos devolvido o pacote que nos pediu. Saudações.

Mato-Seco — E. A.: Fizemos a transferencia de spê e Julio Tavares para si. Enviamos o n. pedido. Saudações.

Florianopolis — C.: Recebemos o avulso e os 2 n. do Clarão, que vem valente como sempre. Boa propaganda hade fazer o Ultimo juramento. Saudações aos batalhadores dessa cidade.

Victoria — A. G.: Recebemos os 5\$ da assinatura do sr. V. Irá o recibo. Agradecemos pelo interesse que tem mostrado para a divulgação da Lanterna. Saudações.

Capão da Cruz — J. Perez: Seguiu o livro. O campo ai é mais duro, mas é preciso desbrava-lo e tu tens braços rijos para isso... Saudações dos rapazes.

Amargosa — D. B.: Foi-lhe remittido o livro pedido. Saudações.

Barretos — R. P.: Registramos o novo assinante de Kincão. Agradecemos. Saudações.

Santa Rita do Passa Quatro — J. L. de O.: Remetemos o folheto pedido. Saudações.

Rio — A. Muller: Recebemos a lista, que será publicada. Poderá adquiri-la por intermedio do agente daqui, (Antonio Orelhano, caixa 193) a quem indicará os cadernos que faltam. Saudações.

? — I. Masculo: Respondeu-me que não convém, por faltar sómente completar algumas cidades. Saúde!

Buenos Aires — M.: Recebidas as tuas duas. Transmitti os recados e modifiquei o endereço. Não te decides? Escreverei.

Passa Quatro — A. M.: Remetemos o folheto. Saudações.

A LANTERNA NO RIO

é encontrada á venda nos seguintes pontos:

CAFE CRITERIUM, largo do Rocio, 32. Rua Salva Tor de 84, 48, esquina da rua Visconde de Sapucahy, engraxate.

Rua da Assembléa, 29, esquina da rua do Carmo, engraxate.

Rua do Ouvidor, 181, agencia do sr. Braz Lauria.

Rua do Senado, 63, com o sr. Manoel Quesada.

Avenida Passos, 122, engraxate.

Rua do Lavradio, 47, com o sr. Angelo Prinosi.

Rua da Saude, 107, com o sr. Nicolau Cartoso.

Estação Central, com o sr. Paschoal Mauro.

Largo da Lapa, 112, com o sr. Januario Bruno.

Rua 1.ª de Março, agencia do sr. Mandarim.

Rua Uruguaiana, 110, esquina da rua do Rosario, engraxate.

Rua Marechal Floriano Peixoto, 58, engraxate.

Aven. da Mem de Sá, esquina da rua Lavradio, com o sr. Carmo Compas.

Rua Souza Franco, 64, Villa Isabel, com o sr. Pedro B. Matara.

Largo dos Leões, com o sr. Natan Cazelli.

A União dos Sindicatos e a Anarquia

Edição da «Brochura Social» de Liaboa

Elegante opusculo de 16 paginas. Excelente texto do conhecido insuador do sindicalismo revolucionario em França, FERNANDO PELLOUTIER.

Preço 200 réis.

Pedidos a esta redacção.

XII AO REI DA BOHEMIA

As necessidades deste drama "de cem actores diversos" obrigam-nos, bem a nosso pesar, a deixar Flor de Maio no sinistro calabouço conventual chamado In-pace por este pantoso sarcasmo — pois mais justo seria o nome de In-dolor, — e o Cavaleiro de La Barre desesperado, pensando em acabar com a vida.

Não tardaremos a encontrar de novo os nossos dois heroes.

Voltando, pois, de madrugada a esse caminho de Amiens em que tantos acontecimentos acabam de se dar, abeirar-nos-emos de duas personagens que caminhavam a pé para Abbeville.

Uma-delas era um homem pequeno, seco, nervoso, moreno. Devia ter nascido no paiz de Artagnon e de Cyrano de Bergerac. Se não era galego, merecia sê-lo. Usava botas de funil, uma capa levantada por um espádo, um chapéu emplumado. Este traje, fóra da moda havia muito tempo, dava-lhe um certo aspecto arrogante e marcial. Desgraçadamente, solava-se num estado lamentavel. Dirão-lhe uma antiguidade desactualizada por um amante do anacronismo. As botas não tinham solas, a capa estava esburacada, sem cor definida, as plumas

do chapéu pendiam lastimosamente. O companheiro deste singular individuo era bastante alto, grosso, largo de hombros, a cabeça quadrada, barba e cabelos loiros. Vestia como um aldeão da epoca e por unica arma trazia um cacete — ramo de carvalho cortado no caminho e grosseiramente talhado á faca.

No momento em que se nos deparam estes dois riantantes, levantava-se o sol, luminoso e respaldado.

O menos encorpado, o homem do chapéu de plumas estirou-se, assoou-se, bocejou dez vezes, e estendendo o braço como se brandisse uma espáda, cain a tondo contra um inimigo imaginario.

— Isto dá tom, disse ele. E acrescentou: — Por vida minha! valente noite passamos nesse moicho! Estou trancido... Mas aqui está o sol, e viva a alegria! Que dizes tu, Cabeça de Ferro?

— O que digo é que tenho fome! — Fome! Não tens vergonha? Pois se comeste hontem de manhã! Sempre te queixas, misero de ti!

— Desta vez sim, quero-me. Não me agrada ter fome, sabes? E eu queria saber onde, como e quando almocáremos...

— Olha bem para mim, Cabeça de Ferro!

— Olha para ti, Estocada!

— Dado quando é que jejuas?

— Desde o dia em que, salado de Paris, topámos aquelle sujeito que nos interrogou e nos deu depois um belo laiz de ciro.

A esta recordação, o galego, que respondia ao nome de Estocada, parou-se subitamente e de subito, dizendo: — É verdade; aquelle era um homem honrado. Nunca me esquecerei do seu nome, apesar de ser esse nome apenas o de italiano.

Biblioteca del Apostolado de la Verda

Folhetos a 200 réis; fóra o porte e registro do Correio:

Primeira série, já-publicada:

La Lujuria del Clero, segun los concilios.

El Diablo, por Roberto Robert.

Cristo en el Vaticano, por Victor Hugo.

El Romance Anticlerical, por vario autores (primeiro tomo).

El Pueblo a la Aristocracia, por Pey Ordéiz.

Historias de la corte celestial, por Narciso Campillo.

Monita Secreta de los Jesuitas.

A Una Madre, por Ramon Chies.

La Democracia y la Iglesia, por Potvin.

2.ª série em publicação:

Dios, por Suñer y Capd-vila.

Los Milagros por Roberto Robert.

Lo que comen los curas, por Frey Gerardo.

Viaje al Inferno, por José Nakans.

La libertad de ensinanza, por Edmundo Gonzalez.

La Papisa Juana, por Juli. F. Mateo.

Sonetos Píadosos, por varios.

Retratos de José Nakans, 14500 réis.

A Velhice do Padre Eterno

Temos novamente a venda, a 2\$500 o exemplar, este sempre empolgante livro do extraordinario Guerra Junqueiro.

A LANTERNA

Nesta capital é vendida ao preço de 100 réis, nos seguintes pontos:

Agencia de jornais, do sr. Antonio Scauto, rua 15 de Novembro, 51.

Salão de Barbeiro, Avenida Rangel Pestana, 140.

Ventura Sierra, rua Conselheiro Ramalho, 166.

FABRICA DE FUMOS BRAZ

FUNDADA EM 1857

Escusado é dizer-se que esta é a unica fabrica que vende sem reserva de preços. Seus productos são conhecidos em todo o Estado.

Pereira & Comp.

Avenida Rangel Pestana, 6.

S. Paulo

Engenho Stamato

Sem engraxagem para moagem de canna com salvaguarda para evitar desastre. Privilegiado e premiado com diversas medalhas de bronze, prata e ouro. Progressivamente estão se esgotando por este vasto paiz; já foram adquiridos por mais de 1.000 fazendeiros que attestam a utilidade desta importante machina. Inventor e fabricante.

RAPHAEL STAMATO

Filial, Rua da Alfandega, 194 — Rio de Janeiro.

Fundição e Mechanica, Avenida Martin Burehard, 146 — S. Paulo.

BIBLIOTECA DA "LANTERNA"

EM PORTUGUÊS

A. de Pinho, Pela Educação e pelo Trabalho \$200

H. Malatesta, Programa socialista anarquista-revolucionario \$100

Prof. Saturnino Barbosa, Poema Transcendente 1\$000

B. Peres Galdós, Electra, (drama anticlerical em 5 actos) 1\$000

Messa Botta, O Papa Negro 2\$000

Otaviano Rainelli, Um como não se mufois, (comedia de costumes nacionaes e 2 actos) 1\$000

Carlos Dias, Semeando para Colher \$300

Paulo Bertheloth, Evangelho da Hora \$200

Guerra Junqueiro, A velhice do Padre Eterno 2\$00

EM ESPANHOL

Rutgers, Las Guerras y la Densidad de la Poblacion \$100

Ch. Drysdale, Dignidad, Libertad e Independencia \$100

C. S. Darrow, Crimen y Criminales \$100

André Girard, Educacion y Autoridad Paternal \$100

EM ITALIANO

Romanzo di una Donna, Angelo Longirelli 1\$500

EM FRANCÊS

Les Prisons, Pierre Kropotkine \$300

L'Esprit de Révolte \$200

Henri Chagnat, La Femme Esclave \$100

Jean Grave, L'entente pour l'Action \$200

Elida Reclus, A mon Frere le Japon \$200

Jean Grave, Si jamais a parler aux Electeurs \$100

Charles Albert, Patrie, Guerre, Crise \$200

Elida Reclus, Evolution e Revolution \$200

Urbain Gohier, Aux Primes \$100

E. Malatesta, Entre Paysans \$300

M. Netlau, La responsabilité e la Solidarité dans la lutte ouvrière \$200

Marc Piorrot, Sur l'Individualisme \$300

Louis Blanc, Quelques Verités Economiques \$100

André Girard et M. Piorrot, Le Parlementarisme contre l'Action Ouvrière \$100

Podro Kropotkine, Le Salarial \$100

M. Piorrot, Travail et Surnage \$300

Diretor, Extratien d'un philosophe avec la marchole \$100

Jean Grave, La Conquête des pouvoirs publics \$100

Jean Grave, Une des Formes nouvelles de l'Esprit politique \$100

Los Temps Nouveaux, Contre la Guerre \$200

Só podemos atender os pedidos que venham acompanhados da respectiva importancia.

Está á venda

o restante da edição do esplendido livro do grande sociologo ELIASH RECLUS

Evolução, Revolução e Ideal Anarquista

custando 1\$500 o exemplar e mais 300 réis pelo correio.

Não importa: se alguma vez esse sr. Salverio tiver necessidade da minha espáda...

— E dos meus punhos...

— Teres o gosto de andar por ele á cutilada. Mas basta... Dizias, pois Cabeça de Ferro, que desde então jejuas.

— Desde vez, assim disse...

— Com efeito, naquella dia devoraste como um Gargantua.

— E tu!

— Eu tambem, por vida minha!...

Mas desde então, apertamos cada vez mais o ciaturo. Por tua culpa!

— Por minha culpa, viva Deus!

— exclamou Cabeça de Ferro estupefacto.

— Sim, foste tu quem me arrastou para o Norte, quando eu queria ir para o Sul. Mas... basta de recriminações... Esta manhã hade almocáremos...

— Deveras?

— Juro-to pelo ganete dos meus antepassados... Justamente, aqui está o que eu procurava... Vais ver.

Os dois companheiros seguiram aquelle instante um arroyo. Estocada tirou do bolso uma ducia de irrequinhos e pôs-se gravemente a enchê-los com a agua limpida do riacho.

— Que está fazendo? perguntou assembrado Cabeça de Ferro.

— Estou resolviendo o meu almoço, e talvez a minha vigencia... Tu não pensas em coisa alguma; mas eu, em todos os sitios em que estivermos, perguntai-me não podiam dar-me um trancoque já não passasse. Juntai estes.

— Então louco!

— Veremos! respondeu Estocada. Tapan cuidadosamente os irrequinhos no bolso. Depois tornaram a pôr-se a caminho.

(Continua)

FOLHETIM DA LANTERNA (12)

MIGUEL ZEVACO